

## BUSCANDO AR

Sandra Maria Cerqueira da Silva<sup>1</sup>

Hoje, 30 de maio de 2020, eu percebi que precisava parar e deixar sangrar. Já não me restavam forças.

Precisava deixar sair as toxinas que estão infiltradas na minha corrente sanguínea. Por que, de fato, a cada momento, consigo menos respirar. Me sinto tão cansada! Não consigo seguir. Há muito, há tanto peso por carregar!

A cada vez que vejo a imagem daquele ser esmagando a garganta de um irmão, eu me sinto navalhar. Até posso ver o líquido vermelho desenhar em meu corpo.

Fico olhando para as imagens do assassinato e o que vejo é igualmente mortal. Aquele homem parece se aliviar e regozijar, enquanto tira uma vida preta. Vejo-o quase babar e se refestelar de prazer. Me sinto ficando sem ar junto. Lembro dos tantos iguais queimados vivos. E dói, dói tanto! E eu que já estava e andava tão mortalmente ferida, sucumbi. A cada minuto fazem um novo corte. Vejo-os exterminando a população preta, nos matando. E nada ocorre!

Assisto anjos pretos sendo abatidos, mães e pais de famílias que são assassinados, retirados dos seus. E a vida segue. “É normal!”. E adocece.

As imagens de uma mulher preta circularam durante o carnaval. Ela estava despida e descontrolada. Ao seu redor, as pessoas riam e incentivavam que continuasse sua “dança”. Eu me pergunto: como será que findou sua morte? Sim, porque ao despertar, a mulher que foi antes do “show”, provavelmente já não mais existiria.

Eu assisto milhares e milhares de famílias caminhando para a morte nas filas da humilhação/degradação. As filas por pão. E posso antever o desfalecer. E falta ar. E novamente me falta ar.

Eu vejo pessoas brancas incriminando os nossos, pessoas pretas simplesmente por raiva. E assim as prisões são caldeirões. O inferno é aqui! O ar se esgueira para sair.

---

<sup>1</sup> Doutora (2016) pelo Programa de Pós-graduação em Controladoria e Contabilidade da FEA/USP. Possui graduação em Administração pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1994) e Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia (2007). Atualmente é Assessora Especial de Políticas Afirmativas e Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora Assistente do curso de Administração da Faculdade Anísio Teixeira. Pesquisadora em Gênero e Raça GENERAS. Integra o corpo de pesquisadoras associadas do NEIM/UFBA.

Meu corpo é só chaga. A sensação é de estar à beira de uma explosão.

É demais acompanhar um país desgovernado exterminar, matar, destruir lugares, destruir vidas e seguir fazendo birra. É insuportável assistir uma família matar, enquanto brincam e riem. Minhas costas doem. Não sinto minhas pernas.

E ecoa na minha cabeça: tudo é por amor! Tudo é para o nosso crescimento! Mas como? Que caminho é este? Por que é preciso andar por sobre brasas? Por que é preciso se deixar queimar vivo? Por que é preciso se deixar açoitar? E como podem me pedir para ficar leve e feliz? Como podem me pedir para aceitar com resignação? Eu quero, eu preciso gritar. Mas sequer consigo respirar!

Como alguém pode não sentir dor?

Hoje eu preciso chorar até não ter mais líquido para lavar toda essa lama que respinga em mim. Que respinga em ti, que nos assalta a paz. Eu estou demasiadamente cansada!

Meus braços pesam, minha cabeça pesa, todo o meu corpo pesa, de forma que não dá para me sustentar de pé. Como faço para tirar esse 'bolo' que cresce na minha garganta e se espalha pelo meu peito ameaçando se espalhar? Meus olhos pesam. Meu ouvido está cansado. Meu nariz queima.

Quero parar, deitar e esperar. Não, eu quero fazer algo. Eu preciso andar. Eu preciso ir. Eu preciso chegar em ti. Você pode me ouvir? Está grande demais. Não sei o que fazer. Eu não consigo respirar!

Meu rosto agora está inchado. Uma vergonha! Lembro de quem perdeu a mão, perdeu o pé. Viu pedaços de si voar com os açoites. Quem sou eu para reclamar da minha dor de sofá!?

Vejo pessoas pretas sendo agredidas porque estão felizes, porque se sentem bem. Por fazer algo bom, como um garoto que resolveu incentivar outras crianças pretas a ler. E foi ridicularizado! Este subjugar nunca terá fim? Eu não posso seguir só vendo. Não é justo! Eu preciso respirar!

Eu preciso encontrar e abrir a válvula para deixar sair todo o suor, todo o líquido que me queima no interno e externamente. Há algo me corroendo por completo. Tem algo crescendo dentro de mim. Eu preciso deixar sair. Minha garganta mais que triplicou de tamanho. A nuca dói. Os dedos doem. O couro cabeludo dói. Quase o arranco.

Assisto ao resgate dos movimentos e símbolos nazistas como se fosse "natural". E isto me faz gelar. Outra vez paraliso.

Chega de pensar! Alguém tire estes grilhões dos meus pés, estes pesos dos meus ombros! Por favor! Eu preciso seguir. Alguém tire as argolas, que seguram meus braços, me

soltem! Me deixem ir. Não aguento mais estar amarrada, paralisada. Por favor, por favor, soltem os grilhões! Soltem as correntes presas as minhas costas. Parem de me puxar para trás! Eu preciso seguir!

Por mim, por vocês, por nós. Eu preciso seguir. E respirar!

Meus braços pesam tanto! Eu não vou entrar no chão! Parem de me puxar para baixo. Parem de empurrar meus ombros! Parem de enterrar pessoas pretas vivas!

Me sinto pendendo para a frente. Observo minha língua colada no céu da boca. Diminui ainda mais o espaço para o ar. Eu preciso respirar. Veio a tosse. Eu me sinto tão cansada!

Ao que me lembro que ninguém chegará. Eu preciso, outra vez “ser forte” e reagir, ou me afogar com a respiração. “É tudo uma questão de escolha”. É o que me dizem. Será?